

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO REGULAR: O QUE PENSAM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Bárbara Cristina Fernandes Guizzo¹

RESUMO: A pesquisa intitulada: A inclusão de alunos com deficiência no ensino regular: o que pensam os professores de Educação Física? Teve como objetivo principal “Analisar a percepção dos professores de educação física com relação à inclusão de alunos com deficiência nas escolas de ensino regular estadual, municipal e particular, do município de Içara/SC. A metodologia utilizada para a realização deste estudo foi a abordagem qualitativa e exploratório descritiva, tendo como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada. A pesquisa foi realizada com três professores de educação física, na qual todos trabalham com alunos deficientes incluídos no ensino regular. Em seguida realizamos a análise dos dados coletados, o que nos permitiu constatar que os professores apoiam a inclusão na escola mas não tiveram uma formação específica para realmente trabalhar com esses alunos mas demonstram interesse em fazer o melhor para a inclusão. O referencial desta pesquisa foi fundamentado com base em autores como Arante (2007), Coletivo de Autores (1992) Darido (2008), Figueira (2008), Mazzota (2005), Mantoan (2007) e Kunz (2009), Sasaki (2005).

Palavras-Chave: Inclusão. Deficiência. Escola/pública/estadual/particular. Educação Física. Professores.

***ABSTRACT:** The research entitled: The inclusion of students with disabilities in regular schools: what teachers think of Physical Education? Aimed to "examine perceptions of physical education teachers regarding the inclusion of students with disabilities in schools in state, municipal and private mainstream education, the municipality of Içara / SC. The methodology used for this study was qualitative, exploratory and descriptive approach, and as a research tool semi-structured interview. The survey was conducted with three teachers of physical education, which all work with disabled students included in regular education. Then we analyze the collected data, which allowed us to observe that teachers support the inclusion in school but have not had a specific training to really work with these students but show interest in doing the best for inclusion. The framework of this research was based on the basis of authors like Arante (2007), Group of Authors (1992) Darido (2008), Figueira (2008), Mazzota (2005), Mantoan (2007) and Kunz (2009), Sasaki (2005).*

Keywords: Inclusion. Disabilities. School / Public / state / private. Physical Education. Teachers.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente a inclusão de alunos com deficiência é um assunto discutido, por diversos autores na área educacional.

¹ Acadêmica do curso de Educação Física – Licenciatura. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. E-mail: baby_renovada@hotmail.com Fone: (48)96177639.

Durante a graduação do curso de Educação Física surgiu a curiosidade de saber o que os professores pensam sobre educação inclusiva, como lidam com os alunos e como estão discutindo este tema relevante nas escolas regulares.

Nesse sentido, observou-se a relevância em elaborar uma pesquisa de campo, que envolvesse os professores de educação física que atuam com alunos com deficiência em três escolas do município de Içara- SC, uma vez que são constantes as falas sobre educação inclusiva nas escolas.

O presente estudo intitulou-se: A inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular: o que pensam os professores de Educação Física?

Tendo por base a problemática levantada, apontou-se o seguinte problema: Qual a percepção dos professores de educação física com relação à inclusão de alunos com deficiência nas escolas de ensino regular do município de Içara/SC.

Para a realização da pesquisa foram entrevistadas a professora PEF1 da escola estadual, PEF2 da escola municipal e PEF3 da escola particular.

Esta pesquisa norteou-se pelos seguintes objetivos Geral: Analisar a percepção dos professores de Educação Física perante suas aulas onde estão inclusos alunos com deficiência em três escolas regulares, sendo uma particular, uma estadual e uma municipal de Içara-SC. Tendo como objetivos específicos: Compreender a Educação especial através das respostas dos professores de Educação física entrevistados, verificar a importância da Educação física para a inclusão e compreender qual os conteúdos e metodologia para a Educação física escolar. As questões que nortearam a pesquisa e nos permitirá atingir os objetivos e responder ao problema inicial são: Quais os conteúdos a serem trabalhados para as turmas que possui deficiente? Quais as possibilidades e os limites da atuação do professor de educação física perante a inclusão? Qual concepção pedagógica nas aulas de educação física? Como lidam com a inclusão?

O estudo proposto aconteceu dentro da Linha de pesquisa Educação e Cultura do Movimento Humano e está estruturado em dois capítulos: INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA: QUESTÕES LEGAIS, tendo como base teóricos: Brasil (2007), Freitas, Cidade (2009), Mantoan (2006), Mazzotta (2001) Stainback (1999), Voivodic (2007). O segundo EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, tendo com fundamentação teórica o COLETIVO DE AUTORES (1992), Kunz (2009), Bracht (2005), Arante (2007), Darido (2008), Santa Catarina (1998).

Na seqüência apresenta-se a metodologia, a tabulação e análise dos dados coletados, as conclusões e as referências.

2. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: QUESTÕES LEGAIS

A educação inclusiva de pessoas com deficiência passou por transformações, no decorrer da história da humanidade, até à garantia de direitos das pessoas com deficiência. A inclusão na escola regular está sendo bastante discutido nos últimos anos nas escolas, em universidades, e realizado pesquisa com relação a este assunto. Segundo Stainback (1999, p. 42), “o movimento da inclusão ganhou um ímpeto sem precedentes no início da década de 1990. Está ocorrendo uma organização internacional crescente (Schools Are for Everyone – As escolas São para Todos), com milhares de membros por todo o estado e outros países com um único propósito de promover a inclusão”.

A inclusão escolar é um movimento social que faz parte da trajetória histórica da pessoa com deficiência e que está em constante debate atualmente. “Os benefícios dos arranjos inclusivos são múltiplos para todos os envolvidos com as escolas – todos os alunos, professores e a sociedade em geral. A facilitação programática e sustentadora da inclusão na

organização e nos processos das escolas e das salas de aula é um fator decisivo no sucesso”. (STAINBACK, 1999, p. 22).

A Constituição Federal de 1988 traz como um dos seus objetivos fundamentais “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (art.3º, inciso IV). Define, no artigo 205, a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. No seu artigo 206, inciso I, estabelece a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” como um dos princípios para o ensino e garante como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (art. 208).

A Declaração de Salamanca (1994) surgiu a partir de um movimento social em Salamanca localizada na Espanha, e que estiveram presentes 88 governos e 25 organizações internacionais, para estruturar uma lei que garantisse o acesso de todos à educação. O Brasil compareceu, compreendendo sua importância para a implementação da educação inclusiva brasileira.

A Lei de Diretrizes de Bases de Educação Nacional 9394/96 deixa clara a atuação da educação especial no ensino regular. Em 1999, o Decreto nº 3.298, que regulamenta a Lei nº 7.853/89, ao dispor sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, define a educação especial como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino, enfatizando a atuação complementar da educação especial ao ensino regular.

Comungo com Mantoan (2006, p. 27) “Precisamos lutar por essas mudanças e por movimentos que tem como fim virar essas escolas do avesso. Ambas precisam sair do comodismo em que se encontram, e a inclusão, principalmente quando se trata de aluno com deficiência, é o grande mote para empreender essa reviravolta”.

A inclusão se torna mais abrangente no sentido que envolve não somente o aluno com deficiência e o professor, mas toda a comunidade escolar, a convivência social. De acordo com a Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva considera pessoa com deficiência, aquela que: [...] tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial que, em interação com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. (BRASIL, 2007, p.9)

O conceito de inclusão necessita ser expandindo e a presença de deficientes nas salas de aula e em todos os espaços sociais está acontecendo com mais frequência, desde a educação infantil até as universidades. Segundo (FREITAS; CIDADE, 2009. apud SASAKI, 1997. p. 45) “a inclusão é um processo amplo, com transformações pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive na própria pessoa que tem alguma necessidade especial”.

As pessoas com deficiência têm direito à acessibilidade em todos os espaços da sociedade, direito à saúde, e direito à educação com atendimento educacional especializado.

Mazzotta (2001) salienta que

[...] a educação implica um relacionamento entre pessoas, de forma a exercerem influências recíprocas. Essa relação de pessoa-a-pessoa, em que uma ação recíproca se estabelece entre o educando, supõe, em princípio, que nenhum seja tratado como simples objeto, ou seja, diminuído; mas, ao contrário, que cada um tenha seu valor reconhecido”. (p.33)

A educação de alunos com deficiência é muito importante para a sua aprendizagem e vida em sociedade, entretanto as escolas regulares precisam se adequar, criando alternativas que possibilitem o desenvolvimento de todos que da escola fazem parte. Para Stainback (1999, p. 52) “A promessa de inclusão total está no tipo de comunidade escolar que se pode

desenvolver enquanto aluno com deficiência importante revelam ter consciência das dimensões da vida escolar e proporcionam oportunidades para todos que dela compartilham, de aprender de maneiras mais significantes de estar juntos”.

As escolas precisam estar abertas as mudanças educacionais e atentas aos programas de atendimento ao aluno com deficiência, Voivodic (2007, p. 32) coloca que a inclusão é um “[...] processo que deve ser entendido e analisado dentro das condições reais de cada sociedade, pois do contrário ficará apenas no discurso, na utopia”.

3. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação física escolar na concepção histórico-cultural na qual vem sendo destacada a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998, p. 212) destaca que “...os temas jogo e esporte serão abordados constituindo-se numa influencia basilar para os demais – ginástica e dança – que também integram a ação educativa exercida pela educação física no âmbito escolar”.

Hoje a educação física trás alguns temas a serem trabalhado que é o Esporte, dança, jogos, capoeira, lutas, na qual o homem veio construindo de acordo com sua história, são praticas corporais que ele veio desenvolvendo. “A educação Física escolar, por ser parte do conhecimento historicamente produzido, acumulando e transmitindo as novas gerações, deve reunir o que foi mais significativo ligado ao movimento humano, para ser vivida, compreendida e, via reelaboração, contribuir na formação do cidadão”. (SANTA CATARINA, 1998).

Uma prática pedagógica surge de necessidades sociais concretas. Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, capoeira, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Os temas da cultura corporal trabalhados na escola expressam um sentido significativo que penetram nos objetivos e intenções do homem para com a sociedade. A relação de interdependência que esses termos têm com os problemas sócio-políticos como: ecologia, papéis sexuais, saúde pública, preconceitos e muitos outros trás ao aluno a possibilidade de compreender a realidade social e interpreta-la explicando-a a partir de seus interesses de classe. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A educação física não deve ser trabalhada como uma forma de imitar o que já é posto na sociedade o que já está construído e os alunos reproduzirem, mas sim construir um cidadão crítico perante a sua realidade em nossa sociedade.

É no processo de ensino e aprendizagem se constitui em três categorias; do trabalho, interação e linguagem, que deve levar ao desenvolvimento da competência objetiva social e comunicativa segundo a proposta critica emancipatória, “Assim as aulas de Educação física deveriam ser preferencialmente coeducativas, onde fosse possível desvelar e superar os principais problemas de uma socialização” KUNZ (2010, p.40) e para BRACHT (2005, p. 34), pois a verdadeira Educação física é aquela que nós construímos no nosso fazer diário, incluindo alunos com deficiência nas aulas, fazendo que as atividades propostas contribuam para o desenvolvimento e bem estar.

4. METODOLOGA

A pesquisa foi desenvolvida com três professores de Educação física que atuam com alunos com deficiências na rede pública municipal, estadual e na rede particular do município

de Içara - SC. Segundo Gil (1994, pg.113) “pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formulam perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam á investigação”.

O estudo realizado caracteriza-se por uma pesquisa de campo de natureza básica, que para Siena (2007, p. 59), é “o processo de geração de conhecimentos novos para o avanço da ciência, sem preocupação com aplicação prática imediata”.

Para esta pesquisa usamos a abordagem qualitativa, em virtude de que não visa apenas coletar dados.

Nesta pesquisa os objetivos e os procedimentos realizados são vistos como exploratórios descritivos. Para Gil (2002, p.42), é exploratória: essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.

É descritiva por ter como “objetivo a descrição das características de determinadas populações ou fenômenos [...]”. (GIL, 1994, p. 45). Também é considerada uma pesquisa é bibliográfica, pois baseia-se em materiais já publicados sobre o assunto. Para Gil (2002, p.44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

“No estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação”. (GIL, 2008, P. 57)

Com relação aos instrumentos de coleta de dados, realizou-se entrevista semi-estruturada.

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

De acordo com autorização sujeitos pesquisados, as entrevistas foram gravadas e transcritas, na qual os dados foram tabulados, possibilitando assim, a realização da análise frente ao referencial teórico.

5. ANÁLISE DOS DADOS

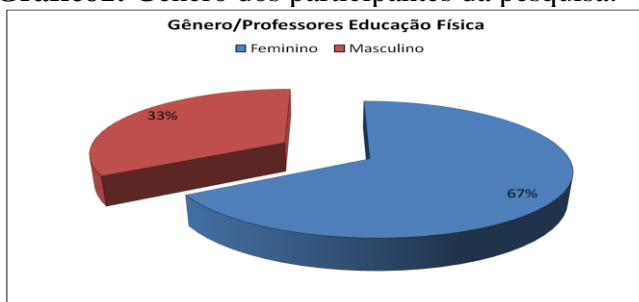
A pesquisa foi realizada com os três professores um da rede estadual, um da municipal e um da rede particular que atuam com alunos com deficiência no município de Içara/SC, no primeiro semestre de 2014.

Para a coleta de dados foi feito uma entrevista semi estruturada, na qual foram gravadas e transcritas, sob o consentimento dos participantes. Os dados coletados foram tabulados com base nas entrevistas para serem analisadas a luz do referencial teórico.

Os professores entrevistados mostraram-se receptivos e dispostos contribuir com a pesquisa. Para efeito de sigilo os professores serão denominados neste estudo Professor Educação Física 1 (PEF1),da rede estadual; Professor de Educação Física 2 (PEF2), da rede municipal; Professor de Educação Física 3 (PEF3), da rede particular.

O gráfico 1 apresenta o gênero dos professores de Educação física participantes da pesquisa:

Gráfico1: Gênero dos participantes da pesquisa.

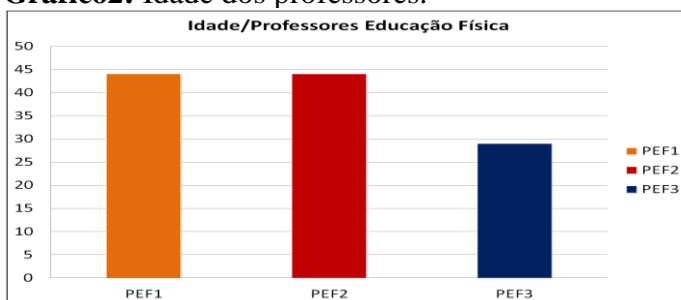


Fonte: Dados de pesquisa, 2014

De acordo com o gráfico 1 percebemos que 67% é do gênero feminino e 33% do gênero masculino.

O gráfico 2 apresenta a idade dos professores entrevistados.

Gráfico2: Idade dos professores.

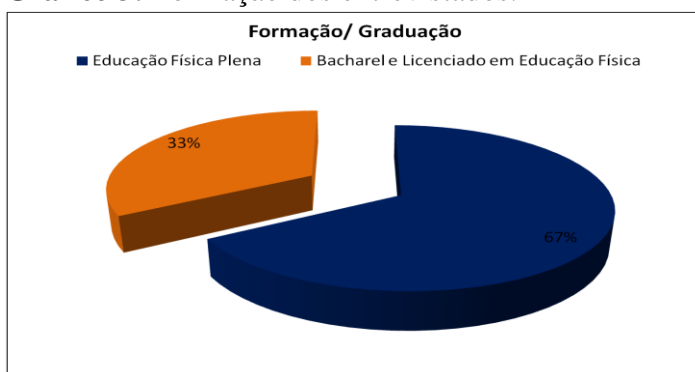


Fonte: Dados de pesquisa, 2014.

Os professores da rede estadual e municipal possuem 44 anos e o professor da rede particular possui 29 anos.

O gráfico 3 mostra a formação em nível de graduação dos professores de Educação Física.

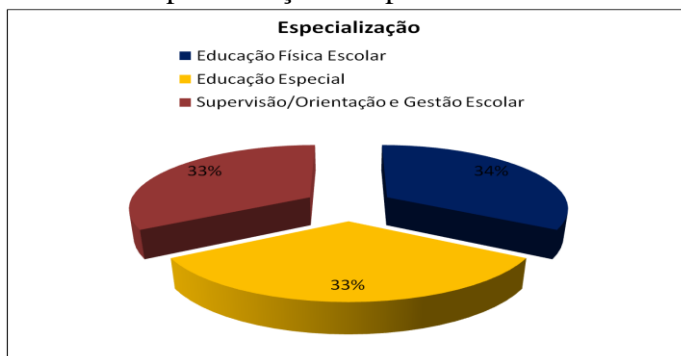
Gráfico 3: Formação dos entrevistados.



Fonte: Dados de pesquisa, 2014.

De acordo com os dados coletados os dois professores possuem curso de graduação em licenciatura e somente um é graduado em Bacharel, entretanto com licenciatura em Educação física.

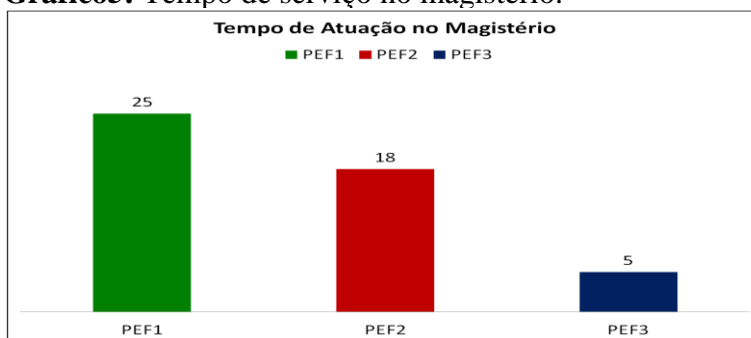
O gráfico 4 mostra a formação em nível de especialização dos professores de participantes da pesquisa.

Gráfico4: Especialização dos professores.

Fonte: Dados de pesquisa, 2014.

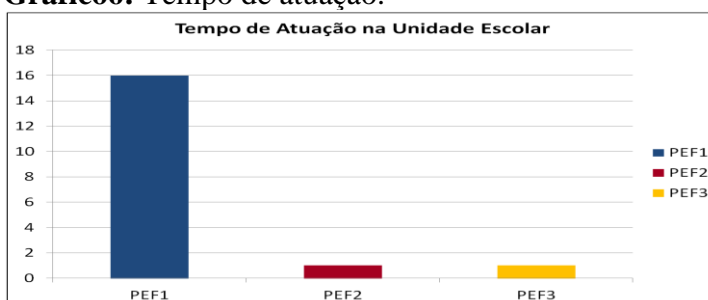
No gráfico 4 percebemos que cada professor possui uma especialização, PEF1 Educação física escolar PEF2 Educação especial e PEF3 Supervisão/orientação e Gestão escolar.

O gráfico 5 apresenta o tempo de serviço no magistério.

Gráfico5: Tempo de serviço no magistério.

Fonte: Dados de pesquisa, 2014.

O tempo de serviço no magistério do PEF1 é de 25 anos, do PEF2 com 18 anos e do PEF3 com 5 anos.

Gráfico6: Tempo de atuação.

Fonte: Dados de pesquisa, 2014.

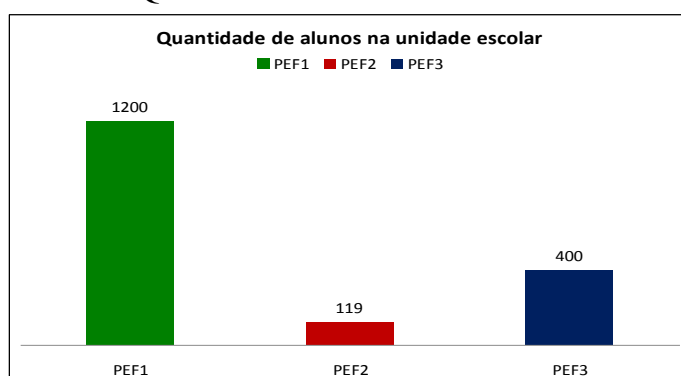
O gráfico 6 apresenta o tempo de atuação dos professores na escola, na qual o PEF1 com 16 anos, PEF2 e PEF3 apenas um ano.

O gráfico7 apresenta a situação profissional dos entrevistados, na qual percebemos que 67% é efetivo e 33% se encontra como contratado.

Gráfico7: Situação profissional.

Fonte: Dados de pesquisa, 2014.

O gráfico 8 representa a quantidade de alunos matriculados em cada unidade escolar, na escola estadual (PEF1) possui 1200 alunos, na escola municipal (PEF2) possui 119 alunos e na escola particular (PEF3) possui 400 alunos.

Gráfico8: Quantidade de alunos na unidade escolar.

Fonte: Dados de pesquisa 2014

O gráfico 9 apresenta a quantidade de alunos com deficiência que possui na escola dos professores entrevistados.

Gráfico9: Quantidade de aluno com deficiência na unidade escolar

Fonte: Dados de pesquisa, 2014.

Analisamos o PEF1 com 31 alunos já PEF2 E PEF3 com apenas 1 aluno com deficiência na unidade escolar.

Nenhum dos entrevistados nos últimos anos participou de formação continuada em educação inclusiva.

Quanto ao professor de educação física ter auxiliar para os alunos com deficiência, o professor da escola estadual (PEF1) respondeu que alguns alunos especiais na escola possuem

auxiliar já outros não possuem, na escola municipal (PEF2) e particular (PEF3) os alunos especiais não possui auxiliar.

Ao perguntar para os professores sobre as contribuições da Educação física para os alunos com deficiência, os três responderam:

“Proporciona mais autonomia interação socialização prazer e alegria”.(PEF1)

“Trabalho a integração dos alunos com os outros alunos normais e fazer com que elas participem das aulas fazer atividades como todos os outros se a necessidade não sendo muito graves as que não são cadeirantes da para fazer normal”. (PEF2)

“Elas são importante para o desenvolvimento da criança tanto fisicamente quanto intelectualmente e fazem parte do currículo da vida delas importante para desenvolver bastante sua responsabilidade seu individualismo para com eles mesmo é de sua importância elas fazerem atividade física, recreação, lazer, qualquer tipo de atividade” (PEF3)

Conforme as respostas dos professores, podemos perceber que a Educação física traz contribuições para todas as crianças com ou sem deficiência, e estando de acordo com Darido (2008)

“O papel da Educação física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas, e o passar o conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental),mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E finalmente busca garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados aqueles procedimentos (dimensão conceitual)”.

O papel do professor é ensinar os conteúdos para todos os alunos, mas muitas vezes é muito mais que isso ginástica, dança, jogos, esporte é fazer com que ele entenda o que ele esta realizando e cada aluno dentro de seu tempo de aprendizagem como os alunos deficiente ele não podem ficar sentados apenas porque são deficiente, eles precisam ser estimulados a participação da aula, nós professores entendo que eles sempre terão o seu tempo de aprendizagem, mas os alunos especiais não podem sair da escola sem aproveitar e entender tudo que a Educação física pode e deve proporcionar para os alunos. Relata KUNZ (2010);

“O objetivo de ensino, a Educação física é assim, não apenas o desenvolvimento das ações do esporte, mas propiciar a compreensão crítica das diferentes formas de encenação esportiva, os seus interesses e os seus problemas vinculados ao contexto sociopolítico. É na prática, permitir apenas o desenvolvimento de formas de encenação do esporte que sejam pedagogicamente relevantes”.

Na questão, que conteúdos são trabalhados na aula de Educação física todos os professores colocaram que:

“A principio o que agrada o aluno então eu pergunto o que eles gostam e prevalecendo a atividade física em si para a qualidade de vida”. PEF1

Para PEF2 “Esporte, dança, recreação, jogos de sala, todos os esporte da educação física, ginástica”.

E PEF3 diz que: “Com o jardim que é o caso do aluno trabalho bastante recreação atividades lúdicas atividades de coordenação habilidade e flexibilidades com eles”.

A resposta mais coerente é do professor PEF2, pois os conteúdos a serem trabalhado é o esporte, dança, jogos, capoeira, lutas, na qual o homem veio construindo de acordo com sua história, são praticas corporais que ele veio desenvolvendo.

Uma prática pedagógica surge de necessidades sociais concretas. Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, capoeira, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Difícilmente hoje encontramos professores que trabalham todos os conteúdos da matéria de educação física, e muitos alunos não tem o conhecimento de quais os conteúdos que a Educação física deve proporcionar e quem sai perdendo com isso? São os próprios alunos que acabam entrando e saindo da escola sem ter a capacidade cognitiva de entender o que é o esporte, como realmente se joga? Quais os tipos de esporte?

Na pergunta que se refere à metodologia utilizada para lecionar nas aulas de Educação física, o PEF1 diz “Sabendo do que eles gostam e realizam no ano anterior proporcionam o que ele já realizavam ou tento desafia-los com algo novo para ver até onde eles vão, sempre trabalhando no coletivo e na base do elogio para ver se eu conquisto algo a mais deles.

PEF2 relata que: “Trabalho em grupo, bastante trabalho em grupo”.

E PEF3, aponta: “Critica emancipatória mais com os pequenos a gente foca mais nessa critica emancipatoria mesmo”.

Analisando as respostas os professores cada um tem a sua metodologia a utilizar em suas aulas. Hoje podemos trabalhar com a critica emancipatória ou critica superadora, os professores que vêm trabalhando nessas propostas estão tendo bons resultados onde está trazendo um aprendizado e outros sucessos tanto para os alunos quanto para os professores. No livro na metodologia do ensino de Educação Física, COLETIVO DE AUTORES (1992), nos procedimentos didático-metodológicos indaga;

“... os conteúdos da cultura corporal a serem apreendidos na escola devem emergir da realidade da dinâmica e concreta do mundo do aluno. Tendo em vista uma nova compreensão dessa realidade social, um novo entendimento que supere o senso comum, o professor orientará, através dos ciclos, uma nova leitura da realidade, uma nova leitura da realidade com referencias cada vez mais ampla”.

As aulas nessa metodologia a intenção é a pratica do aluno para apreender a realidade, do conhecimento específico da educação física.

Na pergunta que se refere às dificuldades que são encontradas para a inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de educação física, os professores PEF1 aponta: “A motora física a acessibilidade e as vezes como não tenho o laudo de todos os alunos de inclusão então acaba faltando o segundo professor”.

PEF2, em sua resposta diz: “Estrutura que é a maior dificuldade que os professores encontram é a estrutura e a formação que muitos não são formados para trabalhar com educação especial”.

PEF3, indaga que: “A maior dificuldade é que você tem que ter uma atenção especial com eles, você tem uma turma 20 alunos e você tem que sempre dar uma atenção especial para esse aluno, não separando ele dos outros, mas tentando trazer ele para junto da turma, com um olhar diferenciado para ele sempre”.

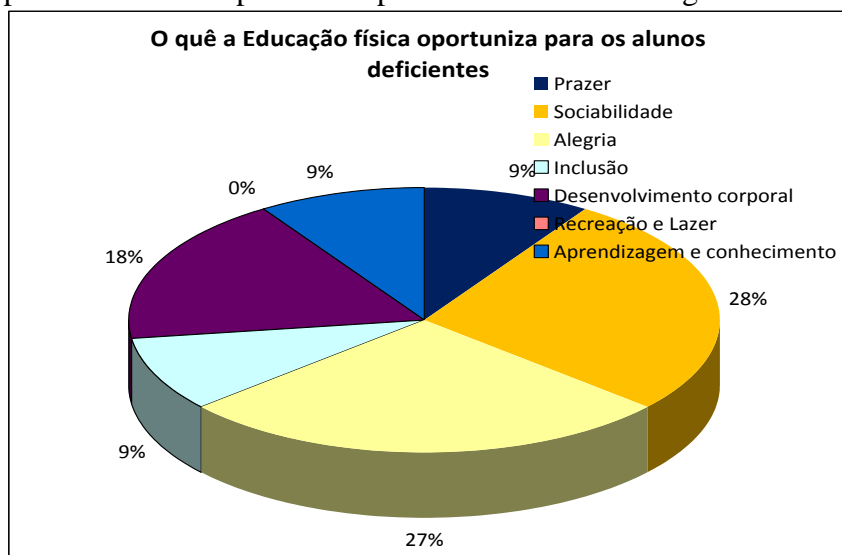
Todas as respostas estão coerentes quando não temos o laudo do aluno, não temos uma estrutura adequada, e quando temos tantos alunos dentro de uma sala e ainda ele precisa de uma atenção especial na qual vem o papel do professor auxiliar. Para MANTOAN (2007,pág.14)“ A inclusão, portanto, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escola”

Ao indagar se os alunos com deficiência demonstram interesse em participar das suas aulas, PEF1, diz que: “Sim só que é necessário tá sempre chamando sempre oportunizando”. E PEF2 traz na sua resposta: “A maioria dos alunos que eu trabalhei gostam bastante, principalmente os cadeirantes eles adoram e a minha aluna gosta também”.

Demonstram sempre são interessados em fazer qualquer tipo de atividade, eles ficam aguardando a vez deles olhando pra gente assim quando que é minha vez de fazer quando é a minha vez de pular só tem que ter uma atenção de chamar de estar sempre junto com ele fazer e acompanhar sempre mais ele, mas eles sempre tão atento em fazer aula. (PEF3)

Para ter interesse ele precisa gostar do que está sendo realizado o professor precisa despertar o interesse no aluno e também como relata a PEF1 sempre está oportunizando. “Educação inclusiva é uma atitude de aceitação das diferenças, não uma simples colocação em sala de aula” (Leituras sobre inclusão apud Sasaki, 2003, pág. 122)

A questão referente se a educação física oportuniza para os alunos deficientes percebemos as respostas dos professores através dos gráficos abaixo:



Fonte: Dados de pesquisa, 2014.

O resultado da questão foi que 9% citaram que a Educação física proporciona prazer, inclusão, aprendizagem e conhecimento 28% sociabilidade, 27% alegria, 18% o desenvolvimento corporal e recreação ninguém citou.

A educação física proporciona todos esses itens; prazer, sociabilidade, alegria, inclusão desenvolvimento corporal, recreação e lazer, aprendizagem e conhecimento.

Segundo Coletivo de Autores (1992, pág 71) “Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendem o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que o jogo se faz “a dois”, e de que é diferente jogar “com” o companheiro e jogar “contra” o adversário”. Relatei essa citação pois quanto colocamos o alunos deficiente jogar com o outro isso proporciona uma alegria, um prazer a sociabilidade e principalmente a aprendizagem e o conhecimento pois quando está praticando também está acontecendo uma aprendizagem, e quando ele joga contra o outro ou show de talentos isso pode ocorrer uma tristeza no aluno ou até mesmo uma falta de vontade de participar das aulas de Educação física.

O que nos assusta no gráfico é que a alegria vem com 27% e o conhecimento e aprendizagem apenas 9% ou seja apenas um professor citou que a Educação física proporciona o conhecimento e aprendizagem, sendo que o principal objetivo da escola é ensinar ou alegrar os alunos?

A questão referente se há diferença do conteúdo de educação física para os alunos com deficiência e alunos sem deficiência, os professores responderam:

“Dependendo do interesse deles sim e dependendo não, alguns aceitam fazer junto com a turma e alguns casos não, o autista, por exemplo, já tentamos fazer o coletivo ele vai um pouquinho daqui a pouco ele já se afasta aceita bem mais a caminhada aceita em grupo jogar o dominó em quatro pessoas dependendo o caso sim e dependendo não.” PEF1.

“Não todos os conteúdos são trabalhados da mesma forma a não ser quando o professor estagiário trabalha alguma coisa diferente com ele”. PEF2

“Não como eu disse só uma atenção especial com quem tem deficiência, nada separado só uma atenção especial com eles”. PEF3

O conteúdo da Educação física não tem que ter diferença, todos os conteúdos precisam ser trabalhados com o aluno deficiente; todos têm direito ao conhecimento e das práticas corporais.

Tratar desse sentido/significado abrange a compreensão das relações da interdependência que jogo, esporte, ginástica e dança, ou outros temas que venham a compor um programa de Educação Física, têm com os grandes problemas sócio-políticos atuais como: ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais do trabalho, preconceito sociais, raciais, da deficiência, da velhice, distribuição do solo urbano, distribuição da renda, dívida externa e outros. A reflexão sobre este problema é necessário se existe a pretensão de possibilitar ao aluno da escola pública entender a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social, isso quer dizer que cabe a escola promover a apreensão da prática social. Portanto, os conteúdos devem ser buscados dentro dela. (COLETIVO DE AUTORES 1992, p.62)

Ao indagar qual o entendimento de inclusão educacional, PEF1 aponta que: “Oportunizar de forma real concreta em todos os eixos da educação, seu desenvolvimento sua permanência e sua conclusão e incentivando também a frequentar a universidade”.

E PEF2, diz que: “É incluir os alunos com deficiência juntos com os alunos normais, considerados normais”.

PEF3, relata que: “O que a gente teve na faculdade e depois na prática quando a gente vivencia quando tem um ou dois aluno por turma, mas um entendimento teórico um embasamento só na faculdade mesmo”.

A resposta mais coerente (PEF2) na qual ele cita que na Inclusão devemos considerar normais incluí-los, mas devemos lembrar sempre que eles necessitam de ajuda especial, a inclusão ela também não atinge apenas o aluno deficiente, é um processo que acolhe todas as deficiência não somente o deficiente mas todos os outros a inclusão ela modifica a sociedade, (sociedade/escola) mas é um processo que vem acontecendo paulatinamente em todo o mundo. CIDADE; FREITAS, (2009) cita o autor que traz o assunto inclusão no âmbito escolar;

“Para pensar a inclusão no âmbito da escola é necessário uma mudança de perspectiva educacional, porque essa não atinge apenas os alunos com deficiência e os que apresentam as dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. Na perspectiva inclusiva, suprimi-se a subdivisão dos sistemas escolares em modalidade de ensino especial e regular, as

escolas atendem as diferenças sem discriminar ou trabalhar a parte com alunos. (FIGUEIRA, 2008)

Na questão referente se os professores receberam orientações para trabalhar com alunos com deficiência, os professores responderam:

“Especificamente assim não, nós temos um formulário que cita que relata o que cada um tem como já falei antes uns com o laudo e outros não, então a gente vai se interagindo com o próprio aluno, como os que estudam com ele e vai. Na faculdade? Eu lembro que a gente teve estágio na APAE é o tema da educação especial, mas faz tanto tempo isso é lá dentro da APAE aqui no ensino regular é novo pra gente é o segundo terceiro ano”. PEF1

“Na faculdade bem pouca”. PEF2

“Sim a coordenação comunica a gente fala pra ter esse olhar especial com eles mas não um trabalho teórico ou uma pesquisa separada isso se a gente gosta a gente vai atrás mesmo em procurar”. PEF3

Todos os professores têm o direito de ter orientação para trabalhar com alunos deficientes principalmente na graduação, mas isso não pode ser mais nossa desculpa, Para ARANTE, 2007 “O ensino escolar comum e o despreparo dos professores, por sua vez, não podem continuar sendo justificativa dos que querem escapar da inclusão escolar pelos mais diferentes motivos.”

Podemos sim trabalhar a Educação especial, não pode ser nossa desculpa de não ter orientação, mas precisa ter orientações para trabalhar com os alunos especiais principalmente nos cursos de graduação pois a Educação merece o melhor, precisa ser cada dia mais pensado e valorizado essas temáticas no ensino superior para ter bons professores e preparados para o ambiente de trabalho, na qual é o ambiente escolar.

6. CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho podemos concluir que a inclusão as aulas de Educação Física vem acontecendo paulatinamente em todo o mundo.

Notamos que os professores que atuam com alunos deficientes da três escolas regular, particular, estadual e municipal apóiam a inclusão na escola. não tiveram uma formação específica para realmente trabalhar com esses alunos mas demonstram interesse em fazer o melhor para a inclusão. Percebi também que as resposta mais coerentes foi do PEF2 na qual o único professor que possui pós-graduação em Educação Especial.

Os professores não demonstraram muito conhecimento da metodologia a ser trabalhado e os conteúdos das aulas de Educação física.

Então o que pensam os professores de Educação física sobre a inclusão? Quais os conteúdos da Educação física? A educação física do aluno deficiente é diferente da educação física dos outros alunos?

Na grande maioria os professores responderam que a inclusão é tratar o aluno igual oportunizar até mesmo para uma faculdade.

Os conteúdos a serem trabalhados o professores respondem que é o mesmo conteúdo apenas um respondeu que quando o aluno recusa precisa trabalhar outros conteúdos ao mesmo tempo.

Também é importante destacar, que ao perguntar se os alunos demonstram interesse a maior parte respondeu que os alunos demonstraram interesse, então percebemos a importância da Educação física e a inclusão desses alunos no ensino regular, sempre lembrando que devem e precisa melhorar a inclusão educacional no ensino regular não

podemos e não devemos se acomodar com a melhoria da estrutura dos materiais alternativos para esses alunos, etc.

Após esse estudo conseguimos constatar que os professores estão abertos a inclusão educacional, E que a Educação física possui um conteúdo a ser trabalhado e sempre serão os mesmo para todos os alunos.

A Educação Física é para todos, deve ser organizada e planejada e ela é construída no nosso fazer diário.

7. REFERÊNCIAS

ARANTE, Valéria Amorin Arante. Pontos e contrapontos. São Paulo:Ed.sumus, 2007.

BRACHT,Valter . **Educação Física e aprendizagem social/** Valter Bracht. 3 . Ed. Porto Alegre : Magister, 2005.

BRASIL. Lei nº 9394,de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece diretrizes e bases da educação nacional** .Brasília: Senado Federal, 1996

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo Cortez, 1992.

COORDENADORIA NACIONAL PARA INTEGRAÇÃO DA PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA - CORDE. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educacionais especiais**. Brasília: UNESCO, 1994. 54 p.

DARIDO, Suraya Cristina, JÚNIOR, Osmar Moreira de Souza. Para ensinar Educação física possibilidades de intervenção na escola. 2. ed São Paulo: Papyrus, 2008.

Disponível em: < www.sepq.org.br/IIsepeq/anais/pdf/gt3/04.pdf...>. Acesso em: 10 de junho de 2014.

FREITAS, A.F.S.; LEUCAS, C.B. de. O desafio da inclusão: o professor de Educação Física e a construção do processo de ensino e aprendizagem com a participação de um aluno com deficiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XVI, III, Salvador, 2009. Anais, Salvador, 2009.

(FREITAS, Patrícia silvestre; CIDADE, Ruth Eugênia Amarante. **Introdução á Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência**. Ed. UFPR. Paraná, 2009, 45 pg.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo. Atlas, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo. Atlas, 2009.

KUNZ, Elenor: **Transformação-Didática Pedagógica do Esporte**. 7.ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. . **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2007. 27,14p. ISBN 8516052680 (broch.)

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli; ARANTES, Valéria Amorim. . **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. 2. ed São Paulo: Summus, 2006. 103 p. ISBN 8532307337 (broch.)

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Educação escolar: comum ou especial?**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1987. 33 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. 28 ed. Petrópolis. RJ. Vozes, 2009

_____. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997b. (Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental).

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Temas Multidisciplinares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: o paradigma do século 21**. *Inclusão – Revista da Educação Especial*, out., 2005.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

VOIVODIC, Maria Antonieta M. A. **Inclusão escolar de crianças com síndrome de down**. 3. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2004. 175 p.